

O ECOFEMINISMO: “UM TERMO NOVO PARA UM SABER ANTIGO”¹

Maximiliano Torres

As explícitas variações por que passa o planeta Terra possibilitam uma reflexão sobre o que está acontecendo à nossa volta. Com isso, elabora-se uma conscientização não só da importância do tão aclamado equilíbrio ecológico, mas, sobretudo, da parcela de culpa do homem na contribuição predatória para o desequilíbrio. Percebe-se a “contradição entre a lógica iluminista da emancipação e a eco-lógica de preservar e estimular os ciclos naturais de regeneração”.²

Estas questões nos propiciam uma compreensão mais extensa do significado da palavra ecologia e, com isso, propõem uma ampliação dos questionamentos relativos ao campo de debates sobre práticas ecológicas, pois, com seu caráter multidisciplinar, a ecologia deixa de ser um “motivo” de preocupação de, apenas, um grupo específico de ambientalistas. Ela se torna objeto de investigação e interesse de cientistas, de filósofos, de professores, de escritores etc., incorpora uma abrangência na esfera da reflexão e do debate intelectual; uma vez que:

[...] a futura tomada de consciência ecológica não deverá somente se preocupar com fatores ambientais, como a poluição atmosférica, as conseqüências previsíveis do reaquecimento do planeta, o desaparecimento de numerosas espécies vivas, mas também com as devastações ecológicas relativas ao campo social e ao domínio mental. Sem a transformação das mentalidades e dos hábitos coletivos, não haverá condições de “ultrapassagem” no que diz respeito ao ambiente material.³

Assim, os atuais estudos ecológicos ultrapassam as dicotomias na concepção da Natureza e revelam que pensar a ecologia é pensar o homem inserido na natureza e as relações entre humanos e humanos e entre humanos e não-humanos. Segundo a proposta de Angélica Soares,

“ao invés de desejarmos observar como interagimos com a natureza, cabe focalizar como interagimos na Natureza”.⁴

Com isso, é permitido indagar sobre alguns pontos que nos teriam levado à perda daquilo o que se poderia chamar de uma ética ecológica. Para o historiador Donald Worster:

Estamos enfrentando uma crise global hoje, não por causa de como os ecossistemas funcionam, mas por causa de como nossos sistemas éticos funcionam. Superar a crise exige compreender nosso impacto na natureza o mais precisamente possível; mas muito mais, exige compreender esses sistemas éticos e usar essa compreensão para reformá-los.⁵

Interessado, acima de tudo, no resgate de tal ética e entendendo a ecologia como movimento social e político, Serge Moscovici – calcado nas conseqüências da Segunda Guerra Mundial – entende a modernidade (o autor usa o termo “Modernidade” quando se refere ao século XX) como a geradora de duas figuras de morte: “os campos de concentração e os cogumelos atômicos”. Para ele, a construção da bomba atômica pode ser considerada como o ponto mais explícito para se pensar um resultado da relação de poder que o homem estabeleceu, a partir de seu conhecimento, com a natureza. E vale ressaltar que a palavra natureza se refere a tudo que está em torno do homem e ao que lhe é interno. Assim, nunca é demais lembrar que “toda a destruição da natureza é acompanhada por uma destruição da cultura, todo ecocídio [...] é, por certos aspectos, um etnocídio”.⁶

Pesquisador da ligação do homem à natureza e considerado um dos primeiros militantes da causa ecológica, o psicossociólogo propõe uma produção mais abrangente de conhecimentos sobre o ecológico, uma preocupação sem limites territoriais preestabelecidos, e, também, uma reflexão sobre a nossa cultura. Pois crê não bastar, simplesmente, a defesa e/ou proteção da natureza deste ou daquele lugar, mas, antes de tudo, a procura de respostas que levem a um entendimento sobre essas posturas predatórias dos humanos. Segundo o próprio Moscovici:

O movimento ecologista é um movimento urbano. Nossa tarefa urgente, enquanto ecologistas, é, portanto, inverter a tendência que destruiu as cidades e os campos, deixando-os inabitáveis, tanto uns quanto os outros. Mas, sobretudo, reinventá-los, torná-los novamente tão humanos quanto possível. Essa é a questão que encabeça nossa política.⁷

Desse modo, ao afirmar que a ecologia opera uma revolução das ciências e das consciências e tem como conceito central a criação de uma nova maneira de vida – que assegura uma liberdade maior da compreensão de nossa relação com a natureza –, Serge Moscovici sugere uma reciclagem que vá além dos produtos e recursos, uma reciclagem de nossa história e de nossos saberes. Uma reinvenção do mundo, no sentido mais extenso e saudável que esta palavra possa ter.

Nessa esteira de pensamento também encontramos Félix Guattari, que adverte-nos sobre a ampla percepção do ecológico ao sublinhar que:

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo.⁸

Ao chamar a atenção para uma tomada de consciência ecológica global, o pensador francês recomenda observarmos e agirmos no mundo baseados numa articulação ético-política, ou seja, seguindo uma ótica ecosófica, cuja função seria a de articular os três registros ecológicos: o ambiental (*physis*), o social (*socius*) e o mental ou da subjetividade humana (*psique*). Tais registros devem funcionar como “vasos comunicantes” para alcançar o equilíbrio ecológico global. A ecosofia é uma expressão cunhada pelo próprio Guattari, que a define como:

[...] a articulação da ecologia ambiental, ecologia científica, ecologia econômica, ecologia urbana e ecologias sociais e mentais, não para englobar todos esses aspectos ecológicos heterogêneos, numa mesma ideologia totalizante ou totalitária, mas

para indicar, ao contrário, a perspectiva de uma escolha ético-política da diversidade, do dissenso criador, da responsabilidade frente à diferença e à alteridade.⁹

Ao propor a inter-relação dos três registros ecológicos como contribuição para um equilíbrio global, o filósofo sugere a criação de "Territórios Existenciais" liberados das antinomias de princípios, de domínios particulares. Tais territórios não representam lugares geograficamente marcados, mas espaços de ressingularização da subjetividade "concernentes às maneiras íntimas de ser, ao corpo, ao meio ambiente ou aos grandes conjuntos contextuais relativos à etnia, à nação ou mesmo aos direitos gerais de humanidade".¹⁰

Em sua ecosofia ambiental, o filósofo aponta a necessidade de se relacionar, de forma ao mesmo tempo racional e subjetiva, as relações da natureza com o meio social, implicando no social, no político e no econômico.

Sobre a ecosofia social, defende o desenvolvimento de práticas específicas que tendam a modificar os padrões nos quais estamos inseridos, a reinvenção de maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho etc. através da reconstrução de conjuntos de modalidades do ser-em-grupo e pelas mutações existenciais na essência da subjetividade.

No que concerne à ecosofia mental ou da subjetividade humana, vê a relação sujeito-corpo sob um novo ângulo, onde se deverão reinventar novos antídotos para a uniformização social (guiada pela mídia) decorrente do consumismo, do conformismo da moda, das manipulações de opinião pela publicidade etc.

Os efeitos negativos evidenciados nessa tríade têm como base as intensas mudanças técnico-científicas, cujas conseqüências constituem-se nos fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não sanados, poderão comprometer toda e qualquer forma de vida no planeta e, paralelamente, numa evolução progressiva da deterioração dos modos de vida humanos. Com isso:

As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encon-

tra freqüentemente “ossificada” por uma espécie de comportamento padronizado, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão...¹¹

As conseqüências desse desequilíbrio podem ser entendidas como decorrência da dicotomia vivenciada individual ou coletivamente: com a perda gradativa dos laços afetivos; com a não aceitação das particularidades de cada ser humano; com a intolerância à diversidade; pela preocupação exclusiva com os danos industriais. No trabalho social, devido à evolução tecnocrática, cada vez mais a força produtiva do homem vem sendo substituída pelo trabalho maquínico, provocando o desemprego, a marginalidade opressiva, a solidão, a ociosidade, a angústia, a neurose. Não há uma articulação ético-política (ecosofia) na práxis de nossos governantes e empresários.

Para Guattari, vivemos nossas subjetividades seguindo um padrão ultrapassado, sendo nossas ações permeadas por este ranço. Trabalhamos seguindo as contingências unívocas de uma economia exclusivamente voltada para o lucro, baseada em relações de poder. Essa ambigüidade no trabalho social, que fala do homem, mas o deixa em segundo plano em nome de uma abstração chamada competitividade, nos leva a compreender o trabalho sob dois prismas:

- 1 - o do império de um mercado mundial que lamina os sistemas particulares de valor, que coloca num mesmo plano de equivalência os bens materiais, os culturais e as áreas naturais;
- 2 - o que coloca o conjunto das relações sociais e das relações internacionais sob a direção das máquinas policiais e militares.¹²

O sistema de produção no qual estamos inseridos, o capitalismo pós-industrial, é denominado pelo autor de *Capitalismo Mundial Integrado (CMI)*. Tal sistema tende a descentrar o poder das estruturas de produção de bens e de serviços para estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividade, devido ao controle que exerce sobre a mídia, a publicidade. O *CMI* é hoje um bloco produtivo-econômico-subjetivo, que trabalha a partir da mais-valia, visando ao lucro, produzindo

diferenças socioeconômicas, onde a relação de poder está diretamente relacionada à tutela econômica.

Guattari afirma que a interligação das três ecologias inclui o descentramento radical das lutas sociais e as maneiras de assumir a própria psique. Segundo o pensador, podem-se ver méritos nos movimentos ecológicos atuais, porém a questão ecosófica global é muito mais ampla e “deveria deixar de ser vinculada à imagem de uma pequena minoria de amantes da natureza ou de especialistas diplomados”,¹³ visto que ela põe em cheque as subjetividades e as formações do próprio poder capitalista.

Nas artes, em geral, e na literatura, em particular, os três registros ecológicos, não raramente, aparecem relacionados, por isso, Félix Guattari pensa estar a saída numa construção ética e estética do cuidar humano. Para o filósofo, os promotores do conhecimento – professores, atores, escritores – devem construir e cuidar dos territórios existenciais, pois, só assim, poderá ser elaborado um processo de revalorização dos “componentes da subjetivação”:

Fazer emergir outros mundos diferentes daquele de pura informação abstrata; engendrar Universos de referência e Territórios existenciais, onde a singularidade e a finitude sejam levadas em conta pela lógica multivalente das ecologias mentais e pelo princípio de Eros de grupo da ecologia social e afrontar o face a face vertiginoso com o Cosmos para submetê-lo a uma visão possível – tais são as vias embaralhadas da tripla visão ecológica.¹⁴

Esse processo de conscientização ecológica atravessa uma tentativa de mudança de mentalidade e alcança uma mudança de paradigma. Sobre este conceito, lembramos das palavras de Leonardo Boff quando explica que paradigma é “uma maneira organizada, sistemática e corrente de nos relacionarmos com nós mesmos e com todo o resto à nossa volta”, buscando “modelos e padrões de apreciação, de explicação e de ação sobre a realidade circundante”.¹⁵

Com isso, a crítica a este modelo hegemônico se expande e tenta encontrar uma nova possibilidade de relacionamento com o meio ambiente e com o meio social. Surge uma preocupação global que visa

a um novo posicionamento entre humanos e não humanos. Segundo Leonardo Boff:

Hoje estamos entrando num novo paradigma. Quer dizer, está emergindo uma nova forma de dialogação com a totalidade dos seres e de suas relações [...] em razão da crise atual, está se desenvolvendo uma nova sensibilização para com o planeta como um todo. Daqui surgem novos valores, novos sonhos, novos comportamentos, assumidos por um número cada vez mais crescente de pessoas e de comunidades. É desta sensibilização prévia que nasce um novo paradigma. [...] Começa já uma nova dialogação com o universo.¹⁶

Tal modificação do paradigma requer “uma mudança radical em nossas percepções, no nosso pensamento e nos nossos valores”.¹⁷ Pois a transformação só se dará na sociedade e no planeta se, primeiramente, houver uma reciclagem conjunta de nossa subjetividade, ou seja, uma conciliação das “três ecologias”, conforme a proposta de Félix Guattari.

Esse novo paradigma se apóia na idéia imposta pela primeira lei da ecologia, elaborada por Barry Commoner, quando essa diz que: “todas as coisas são interligadas umas com as outras”.¹⁸ Apresenta o ser humano como membro integrante e integrado da natureza que o cerca e da qual ele faz parte, e o mundo como uma teia interconectada, ao contrário da visão hegemônica de uma coleção de elementos dissociados. Assim, na busca de um rompimento das diferenças, contribui para a transformação dos valores culturais herdados.

Vários campos de investigação, como o social, o teológico, o político, o filosófico etc., têm discutido essa nova concepção. Cada área utiliza métodos de questionamentos a partir de seu interesse e, com isso, se torna “capaz de fornecer a base para uma abordagem ecocrítica distinta, com afinidades e aversões literárias ou culturais específicas”.¹⁹

Uma das vertentes da ecocrítica é o ecofeminismo. Esse termo surge no início dos anos de 1970, na França, cunhado por Françoise D’Eaubonne, mas só se torna popular na década de 80, “no contexto de numerosos protestos e atividades contra a destruição do ambiente, inicialmente detonados por esporádicos desastres ecológicos”.²⁰ Simboliza

a síntese do ambientalismo atrelado ao feminismo e propõe que a luta pelos direitos da mulher não seja separada da luta pela reparação dos ecossistemas que sustentam a vida. Na opinião de Fritjof Capra:

Os ecofeministas vêem a dominação patriarcal de mulheres por homens como o protótipo de todas as formas de dominação e exploração: hierárquica, militarista, capitalista e industrialista. Eles mostram que a exploração da natureza, em particular, tem marchado de mãos dadas com a das mulheres, que têm sido identificadas com a natureza através dos séculos. [...] os ecofeministas vêem o conhecimento vivencial feminino como uma das fontes de uma visão ecológica da realidade.²¹

Das inúmeras tendências ecofeministas, destacamos três que nos parecem importantes para clarificar a proposta do movimento. São elas: o ecofeminismo clássico, o ecofeminismo espiritualista do Terceiro Mundo e o ecofeminismo construtivista.

No ecofeminismo clássico, a denúncia feita pelo feminismo é dirigida para a naturalização da mulher como um dos mecanismos de legitimação do patriarcado. Segundo esta tendência, a obsessão que os homens têm pelo poder levou – e ainda leva – o mundo a guerras catastróficas, ao envenenamento e à degradação do planeta. Neste contexto, há uma oposição da ética feminina de proteção dos seres vivos à essência agressiva masculina e esta se fundamenta por meio de características igualitárias, como também por atitudes maternas que acabam pré-dispondo as mulheres ao pacifismo e à conservação da natureza.

Já o ecofeminismo espiritualista do Terceiro Mundo – originado nos países do sul e influenciado pelos princípios religiosos de Ghandi, na Ásia, e da Teologia da Libertação, na América Latina –, assevera que o desenvolvimento da sociedade gera um processo de violência contra a mulher e o meio ambiente, tendo suas raízes nas concepções patriarcais de dominação e centralização do poder. Suas principais características são a postura crítica contra a dominação, a luta anti-sexista, a anti-racista, a anti-elitista e a anti-antropocêntrica. Confere ao princípio da cosmologia a tendência protetora das mulheres para com a natureza.

A terceira tendência destacada é a do ecofeminismo construtivista. Este, ao contrário dos outros dois, não se identifica nem com o essencialismo, nem com as fontes religiosas e espirituais, apesar de concordar e compartilhar idéias como o anti-racismo, o anti-anthropocentrismo e o anti-imperialismo. Defende que a relação profunda da maioria das mulheres com a natureza não está associada a características próprias do sexo feminino, mas é originária de suas responsabilidades de gênero na economia familiar, criadas através da divisão social do trabalho, da distribuição do poder e da propriedade. Por isso, acredita na necessidade de se assumirem novas práticas de relações de gênero e com a natureza.

Essas abordagens, que tanto se complementam quanto se contradizem, nos levam a perceber que, por se tratar de uma teoria ainda em formação e, por isso, sem um ponto específico de chegada, “o ecofeminismo é um campo em constante mudança e que evoluiu de um referencial diversificado, incluindo não apenas ecologia e feminismo, mas também socialismo, filosofia, espiritualidade das mulheres e ativismo político de base”. Pois, diferente “de outras formas de feminismo [...] ainda precisa desenvolver um corpo significativo de crítica literária que reflita e ajude avançar suas metas políticas”.²²

Na década de 1990, as propostas e tendências do ecofeminismo foram revistas após os questionamentos elaborados por Barbara Gates, Greta Gaard e Patrick Murphy. Estes teóricos começaram a relacionar a exploração da Natureza e a opressão das mulheres nas sociedades patriarcais, baseados, entre outros aspectos, no reconhecimento de que essas formas de dominação estão ligadas a inúmeras formas de exploração. A partir de então, o postulado principal do ecofeminismo passou a defender a idéia de que todas as questões de dominação estão interconectadas. Portanto, para compreender como acontece a opressão das mulheres e a destruição dos recursos naturais é preciso dirigir o olhar às relações entre os vários sistemas nos quais o poder está constituído. Segundo Gaard e Murphy:

Ecofeminismo baseia-se não apenas no reconhecimento das ligações entre a exploração da natureza e a opressão das mulheres ao longo das sociedades patriarcais. Baseia-se também no reconhecimento de que essas formas de dominação

estão ligadas à exploração de classe, ao racismo, ao colonialismo e ao neocolonialismo.²³

O ecofeminismo não se fundamenta, simplesmente, numa “conexão entre a exploração e degradação do mundo natural e a subordinação e opressão das mulheres”,²⁴ mas denuncia todas as formas de opressão ao relacionar as dominações por raça, gênero, classe social, dominação da natureza, do outro (a mulher, a criança, o idoso, o índio, o gay), propondo o resgate do Ser a partir de um convívio sem dominante e dominado, visando sempre a complementação e nunca a exploração. Em outras palavras, representa uma prática contemporânea que busca o rompimento com a visão dualista do mundo.

Val Plumwood defende a idéia de que a compreensão do conceito de dualismo é essencial para o entendimento da problematização das relações já cristalizadas historicamente entre mulher e natureza. Para ela, dualismo deve ser visto como:

[...] processo pelo qual conceitos contrastantes (por exemplo, identidades de gênero masculinas e femininas) se formam pela dominação e subordinação e se constroem como oposicionais e exclusivas [...]. No dualismo, os lados mais altamente valorizados (masculinos, humanos) são definidos como alienados e de uma natureza diferente, ou ordem de ser, do lado mais “baixo”, inferiorizado (mulheres, natureza) e cada um é tratado como faltando em qualidades que tornam possível superpor associação ou continuidade. A natureza de cada um é construída de maneiras polarizadas através da exclusão de qualidades compartilhadas com o outro; o lado dominante é visto como fundamental, o subordinado é definido em relação a ele. O efeito do dualismo é, nas palavras de Rosemary Radford Ruether, “naturalizar a dominação”.²⁵

Em elaborado estudo sobre a ecocrítica e suas diversas posturas, Greg Garrard argumenta que a ecologia profunda – concepção que discorda de todas as formas de dissociação –, entende o dualismo antropocêntrico, calcado em diferenças entre a humanidade e a natureza, como o principal responsável pelas crenças e práticas antiecológicas, e, por isso, se difere do ecofeminismo. Este, além de concordar com a ecologia

profunda, também dirige a responsabilidade sobre essas crenças e práticas ao dualismo androcêntrico, que diferencia o homem e a mulher. Sobre estas duas formas de dualismo, explica o autor que:

A primeira distingue os seres humanos da natureza com base em alguma suposta qualidade, como a posse de uma alma imortal ou da racionalidade, e presume então que essa distinção confere superioridade aos seres humanos. O segundo distingue os homens das mulheres com base em alguma suposta qualidade, como o tamanho maior do cérebro, e presume então que essa distinção confere superioridade aos homens.²⁶

Nesse contexto, Garrard afirma que o ecofeminismo:

[...] implica o reconhecimento de que essas duas teses compartilham uma “lógica da dominação” comum (WARREN, 1994, p. 129), ou um “modelo mestre” subjacente, segundo os quais “as mulheres têm sido associadas à natureza, ao material, ao emocional e ao particular, enquanto os homens são associados à cultura, ao imaterial, ao racional e ao abstrato” (DAVION, 1994, p. 9), e isso deveria sugerir uma causa comum entre as feministas e os ecologistas.²⁷

Assim, essa convergência dos movimentos ecológico e feminista permite que se questionem os alicerces do modelo do “sistema capitalista patriarcal mundial”²⁸ – simbolizado pelo capital, pela dominação e pelo poder sobre a natureza e sobre os outros seres, vistos como mais fracos –, que tem sido o principal responsável por várias calamidades, dentre elas, a desigualdade social, a violência e a miséria. Estimula uma transformação no relacionamento homem-mulher-natureza e se instaura, silenciosamente, nas bases de nossa cultura, como uma possibilidade de modificação da estrutura civilizacional.

Vale ressaltar, mais uma vez, que o ecofeminismo, enquanto movimento teórico e político, não se resume em associar, meramente, as mulheres à natureza; tal atitude representa um gesto regressivo à proposta ecofeminista.

Karla Armbruster, ao refletir sobre a diversidade de posições ecofeministas, afirma que todas compartilham de “uma convicção geral de

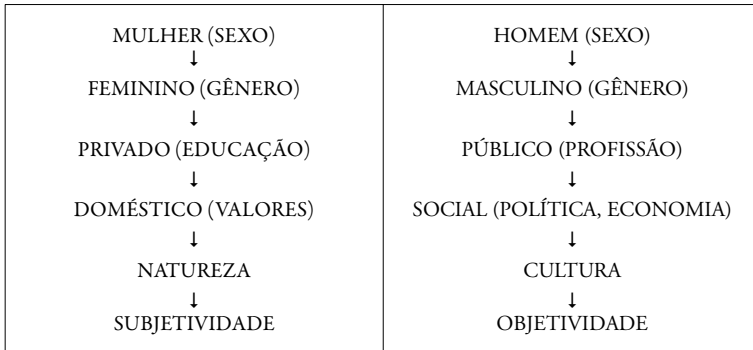
que há ligações importantes entre a opressão das mulheres e a destruição e mal uso da natureza não-humana no seio de culturas dominadas pelo homem.” No entanto, Val Plumwood lembra que é preciso evitar a tendência, dentro da teoria ecofeminista, de unicamente enfatizar ligações e/ou continuidade entre mulher e natureza “ao custo de reconhecer diferenças importantes entre os dois grupos” e também a de ressaltar “diferenças com base em aspectos da identidade, tais como gênero, raça ou espécie, de maneira que possam isolar umas pessoas das outras e da natureza não-humana”.²⁹

Segundo Armbruster “é a opressão compartilhada entre mulheres e natureza numa cultura ocidental predominantemente masculina e não uma identidade essencial e biológica que constrói uma proximidade especial entre elas”. Em acordo com Garrard e Plumwood, a teórica afirma, ainda, que o “ecofeminismo trabalha explicitamente para desafiar ideologias dominantes de dualismo e hierarquia dentro da cultura ocidental que constrói a natureza como separada e inferior à cultura humana (e as mulheres como inferiores aos homens)”.³⁰ Sobre esta construção por categorias, lembra-nos Alison Jaggar que:

A cultura masculina dominante, como todas as feministas têm observado, define masculinidade e feminilidade como formas contrastivas. Na sociedade contemporânea, homens são definidos como ativos, mulheres como passivas; homens são intelectuais, mulheres são intuitivas; homens são impassíveis, mulheres emotivas; homens são fortes, mulheres são frágeis; homens são dominadores, mulheres são submissas, etc. [...] Na medida em que homens e mulheres se conformam com definições gendradas de sua humanidade, eles acabam se alienando de si mesmos. Os conceitos de feminilidade e masculinidade forçam homens e mulheres a desenvolverem, além da conta, algumas de suas capacidades em detrimento de outras. Por exemplo, homens se tornam excessivamente competitivos e distanciadados dos outros; mulheres se tornam excessivamente provedoras e altruístas.³¹

No polêmico e indagador artigo “Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?”, Sherry Ortner demonstra como as definições culturais da mulher são construídas a partir do estímulo dos fatos da biologia, do papel doméstico e da dita personalidade feminina.

Desviada de esquemas culturais e restringida a uma existência inferior por sua anatomia, a mulher passa a ser vista como mais próxima ao natural e amplamente afastada do cultural. Com isso, as ligações entre as suas funções físicas e os ciclos da natureza propiciam um embasamento cultural para a subordinação feminina. Podemos sintetizar essas idéias no seguinte quadro sinótico:



Para a antropóloga, uma “vez que o plano da cultura sempre é submeter e transcender a natureza, se as mulheres são consideradas parte dela, então a cultura achará ‘natural’ subordiná-las, para não dizer oprimi-las”.³²

Deste modo, parece impossível superar a degradação do meio ambiente como também acabar com a dominação e exploração das mulheres sem superar as estruturas patriarcais que as mantêm. A solução da crise ambiental tanto quanto a da opressão feminina não devem ser tratadas isoladamente. O alcance do equilíbrio ecológico global, assim como a emancipação, não só das mulheres, mas de todos os seres humanos, dependem de uma “articulação ético-política”,³³ que propiciará a mudança estrutural e organizacional da sociedade. Contudo, vale atentar para o fato de que essa transformação deve ocorrer nas bases da subjetividade, da linguagem e da cultura, uma vez que:

Os esforços dirigidos unicamente na mudança das instituições sociais, por exemplo, através do estabelecimento de quotas salariais, ou através da aprovação das leis de igualdade de trabalho e salário, não podem ter efeitos de longo alcance se a linguagem e as figuras culturais continuam a fornecer uma imagem relativamente desvalorizada da mulher.³⁴

Somente com a articulação dessas três instâncias – a da subjetividade, da linguagem e da cultura – alcançaremos um equilíbrio de convivência e, com isso, poderemos elaborar uma ética da alteridade que permita que as mulheres sejam “associadas com a cultura no dialético progresso da cultura com a natureza”.³⁵

Ao relacionar cultura e natureza e induzindo a “pensar ‘transversalmente’ as interações entre ecossistemas, mecosfera e Universos de referência sociais e individuais”,³⁶ o ecofeminismo permite às mulheres – e a todos os ditos “ex-cêntricos”³⁷ – revalorizar suas identidades, reconstruindo uma nova inserção na sociedade, bem como respeitando e preservando todas as manifestações de vida. Segundo Maria Mies e Vandana Shiva, a perspectiva ecofeminista:

[...] apresenta a necessidade de uma nova cosmologia que reconhece que a vida na natureza (incluindo os seres humanos) mantém-se por meio da cooperação, cuidado e amor mútuos. Somente deste modo estaremos habilitados a respeitar e a preservar a diversidade de todas as formas de vida, bem como das suas expressões culturais, como fontes verdadeiras do nosso bem estar e felicidade. Para alcançar este fim, as ecofeministas utilizam metáforas como “re-tecer o mundo”, “curar as feridas”, religar e interligar a “teia”.³⁸

É aí que se sustenta o cerne da proposta ecofeminista. Ao contrário do que possa, de início, parecer, o objetivo não é o de apontar oposições entre natureza e cultura e relacioná-las às polaridades que possam surgir, nem tampouco denunciar os dualismos culturalmente codificados e cristalizados no imaginário ocidental. À crítica ecofeminista, cabe, num diálogo intrínseco com outras áreas das ciências humanas, “oferecer uma perspectiva que complexifique as concepções culturais da identidade humana e dos relacionamentos humanos com a natureza não-humana, ao invés de confiar em visões não problematizadas de continuidade e diferença”.³⁹ E, desta forma, nos possibilitar perceber que:

Uma perspectiva ético-política atravessa as questões do racismo, do falocentrismo, dos desastres legados por um urbanismo que se queria moderno, de uma criação artística libertada do sistema de mercado, de uma pedagogia capaz de

inventar seus mediadores sociais etc. Tal problemática, no fim das contas, é a da produção da existência humana em novos contextos históricos.⁴⁰

Sendo assim, o ecofeminismo considera os desafios do mundo contemporâneo como parâmetros que exigem novas mediações e que, através de uma análise séria e profunda, elabore formas viáveis para um mundo sustentável de vida plena e em abundância entre humanos e não-humanos.

No que concerne à literatura, o ecofeminismo “não se restringe a trabalhar textos literários escritos apenas por mulheres, ou textos percebidos como ‘ecofeministas’ ou ‘feministas’ por tratarem exclusivamente de aspectos relacionados à natureza”. A crítica literária ecofeminista, através da interdisciplinaridade, com ferramentas analíticas e interpretativas, propõe uma leitura mais ampla. Como um campo de investigação, baseado nos fundamentos teóricos do feminismo e do ambientalismo, busca analisar por que as mulheres são tratadas como inferiores pelos homens e por que a natureza é tratada como inferior à cultura, assumindo uma análise sobre os papéis de gênero e sobre os dualismos hierárquicos, podendo “ser uma excelente ferramenta de trabalho que renova a construção de novos conhecimentos dentro da literatura”.⁴¹

Segundo Karla Armbruster, a elaboração de abordagens que permitam explicar “a complexidade conferida pela teoria feminista pós-estruturalista à identidade humana e que acabam por desenvolver essa complexidade ao explorar a natureza humana e não-humana”⁴² será um caminho. Para a autora, algumas questões que preocupam a crítica ecofeminista são:

- O texto traz um sentido de que o sujeito humano é social e discursivamente construído, multiplamente organizado e em constante deslocamento?
- O texto também explica a influência da natureza não-humana no sujeito (e do sujeito na natureza não-humana) sem utilizar-se do essencialismo?
- O texto evita reinscrever dualismos e noções hierárquicas de convivência?⁴³

Não podemos entender que a proposta de Armbruster seja a de restringir a crítica literária ecofeminista às respostas afirmativas a essas

indagações. O que propõe a ensaísta é que, como esses, outros questionamentos sobre “visões subversivas de identidades e natureza não-humana” possam contribuir para um mais claro entendimento da “dinâmica da dominação, particularmente como está representada no discurso, e aprender melhor como podemos desfazê-la”.⁴⁴

Desta forma, ao encaminharmos a leitura de textos literários por questões ecológicas, contribuímos em ações transformadoras que nos permitem fazer compreender a importância da literatura no papel de conscientizadora da necessidade de despoluição do ambiente, da sociedade e, também, da subjetividade. Também entendemos, na esteira do pensamento de Angélica Soares, que a condição das mulheres “participa das preocupações ecológicas tanto quanto as questões ambientais e a estas se ligam em busca do equilíbrio global”.⁴⁵

Notas

¹ Diamond e Orenstein, apud Mies e Shiva, *Ecofeminismo*, p. 24.

² Mies e Shiva, op. cit., p. 16.

³ Guattari, Práticas ecosólicas e restauração da cidade subjetiva, p. 17.

⁴ Soares, Por uma compreensão ecofeminista do erotismo, p. 121.

⁵ Apud Glotfelty, Introduction: Literary Studies in an Age of Environmental Crisis, p. xxi.

⁶ Moscovici, *Natureza*, p. 16, 22.

⁷ Ibidem, p. 33.

⁸ Guattari, *As três ecologias*, p. 9.

⁹ Idem, Práticas ecosólicas e restauração da cidade subjetiva, p. 10.

¹⁰ Idem, *As três ecologias*, p. 38.

¹¹ Ibidem, p. 7-8.

¹² Ibidem, p. 10.

¹³ Ibidem, p. 36.

¹⁴ Ibidem, p. 53-54.

¹⁵ Boff, *Ethos mundial*, p. 27.

¹⁶ Ibidem, p. 29-30.

- ¹⁷ Capra, *A teia da vida*, p. 23.
- ¹⁸ Cf. Glotfelty, op. cit., p. xix.
- ¹⁹ Garrard, *Ecocrítica*, p. 32.
- ²⁰ Mies e Shiva, op. cit., p. 24.
- ²¹ Capra, op. cit., p. 27.
- ²² Armbruster, “Buffalo Gals, Won’t You Come out Tonight”: a Call for Boundary-crossing in Ecofeminist Literary Criticism, p. 97.
- ²³ Gaard e Murphy, *Ecofeminist Literary Criticism*, p. 3.
- ²⁴ Mellor, *Feminismo y ecología*, p. 13.
- ²⁵ Plumwood, *Feminism and the Mastery of Nature*, p. 31-32.
- ²⁶ Garrard, op. cit., p. 42.
- ²⁷ Ibidem.
- ²⁸ Mies e Shiva, op. cit., p. 11.
- ²⁹ Cf. Armbruster, op. cit., p. 97.
- ³⁰ Ibidem, p. 98-100.
- ³¹ Jaggar, *Feminist Politics and Human Nature*, p. 316.
- ³² Ortner, Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?, p. 102.
- ³³ Guattari, *As três ecologias*, p. 8.
- ³⁴ Ortner, op. cit., p. 118.
- ³⁵ Ibidem.
- ³⁶ Guattari, *As três ecologias*, p. 25.
- ³⁷ Hutcheon, *Poética do pós-modernismo*, p. 88.
- ³⁸ Mies e Shiva, op. cit., p. 15.
- ³⁹ Armbruster, op. cit., p. 99.
- ⁴⁰ Guattari, *As três ecologias*, p. 15.
- ⁴¹ Brandão, Ecofeminismo e literatura: novas fronteiras críticas, p. 465-68.
- ⁴² Armbruster, op. cit., p. 106.
- ⁴³ Ibidem.
- ⁴⁴ Ibidem.
- ⁴⁵ Soares, *A paixão emancipatória*, p. 57.

Referências bibliográficas

- ARMBRUSTER, Karla. "Buffalo Gals, Won't You Come out Tonight": a Call for Boundary-crossing in Ecofeminist Literary Criticism. In: GAARD, G. e MURPHY, P. (Ed). *Ecofeminist Literary Criticism: Theory, Interpretation, Pedagogy*. Urbane/Chicago: University of Illinois Press, 1998. p. 97-122.
- BOFF, Leonardo. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- BRANDÃO, Izabel. Ecofeminismo e literatura: novas fronteiras críticas. In: BRANDÃO, Izabel e MUZART, Zahidé (Org.). *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2003. p. 461-90.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Tradução Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 1996.
- GAARD, Greta e MURPHY, Patrick D. (Ed.). *Ecofeminist Literary Criticism: Theory, Interpretation, Pedagogy*. Urbana; Chicago: University of Illinois Press, 1998.
- GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução Vera Ribeiro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006.
- GLOTFELTY, Cheryll. Introduction: Literary Studies in an Age of Environmental Crisis. In: GLOTFELTY, Cheryll e FROMM, Harold (Ed.). *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Athens; London: The University of Georgia Press, 1996. p. xv-xxxvii.
- GUATTARI, Félix. Práticas ecosóficis e restauração da cidade subjetiva. Tradução Andrea Moraes Alves. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 116, p. 9-26, jan.-mar. 1994.
- _____. *As três ecologias*. 15 ed. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 2004.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JAGGAR, Alison. *Feminist Politics and Human Nature*. Totowa: Rowman & Allanheld; Brighton: Harvester Press, 1983.
- MELLOR, Mary. *Feminismo y ecología*. Tradução Ana María Palos. Delegación Coyoacán: Siglo Veintiuno, 2000.
- MIES, Maria e SHIVA, Vandana. *Ecofeminismo*. Tradução Fernando Dias Antunes. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. (Coleção Epistemologia e Sociedade).
- MOSCOVICI, Serge. *Natureza: para pensar a ecologia*. Tradução Marie Louise Trindade Cornilh de Beyssac e Regina Mathieu. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- ORTNER, Sherry. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?. In: ROSALDO, Michelle Zimbalist e LAMPHIRE, Louise. *A mulher, a cultura, a sociedade*. Tradução Cila Ankier e Rachel Gorenstein. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.95-120.
- PLUMWOOD, Val. *Feminism and the Mastery of Nature*. London: Routledge, 2003.
- SOARES, Angélica. *A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

_____. Por uma compreensão ecofeminista do erotismo (um exercício crítico na poesia brasileira contemporânea de autoria feminina). In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da (Org.). *Representações de gênero de sexualidades: inventários diversos*. João Pessoa: Editora Universitária, 2006. p. 34-43.

Resumo

O presente artigo discorre sobre a aproximação de duas áreas de estudo: a ecologia e o feminismo. A proposta do ecofeminismo se estrutura na defesa de que a luta pelos direitos da mulher está diretamente ligada à luta pela preservação dos ecossistemas. Contudo, esse movimento não aponta, simplesmente, a opressão das mulheres e do meio ambiente. O ecofeminismo denuncia todas as dominações que estejam ligadas à raça, ao gênero, à classe social, enfim, aos modos humanos de existir. A proposta que rege o pensamento ecofeminista é a ruptura dos dualismos, responsáveis pelo desequilíbrio global.

Palavras-chave

Ecologia; feminismo; ecocrítica; gênero.

Recebido para publicação em
15/05/2009

Abstract

The present article discusses the proximity of two study fields: ecology and feminism. The ecofeminism proposal is structured on the defense that the fight for women's rights is strictly connected to the fight for the ecosystems preservation. Nevertheless, this movement does not aim simply at women's and environment oppression. The ecofeminism denounces all kinds of domination connected to ethnic groups, gender, social class, and furthermore all human ways of existence. The main proposal for the ecofeminist thought is the rupture of the dualisms, responsible for the global derangement.

Key words

Ecology; feminism; eco-critic; gender.

Aceito em
10/06/2009